

Imaginários e narrativas autoformadoras: múltiplos olhares na produção científica

Imaginary and self-formed narratives:
multiple looks at the scientific production

Maristel Kasper Grando
maristelgrando@hotmail.com

Camila Borges dos Santos
camilaborgesm@hotmail.com

Vantoir Roberto Brancher
vantobr@yahoo.com.br

PERES, L.M.V.; EGGERT, E.; KUREK, D.L. (orgs.). 2009. *Essas coisas do imaginário: diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras*. São Leopoldo/Brasília, Oikos/Liber Livro, 198 p.

A obra *Essas coisas do imaginário: diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras*, com organização de Lúcia Maria Vaz Peres, Edla Eggert e Deonir Luís Kurek, constitui-se em uma importante contribuição para pensar o imaginário e as narrativas como elementos da formação docente. Nesse sentido, estabelecem diálogo com outras expressões, como ciência, educação, arte, fotografia e poesia. Constituída de 11 capítulos, a obra contém um compilado de produções de autores contemporâneos, apresentando pesquisas e reflexões teóricas sobre múltiplos olhares do imaginário e narrativas autoformadoras.

Imaginário e pesquisa (auto)biográfica são temas que têm atravessado o trajeto formativo dos organizadores da obra. A professora Lúcia Maria Vaz Peres é docente da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), atua na linha de pesquisa Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem, é líder do Grupo de Estudos de Pesquisas em Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM). Peres tem se direcionado aos estudos da antropologia, imaginário e pesquisa auto(biográfica), trabalhando com autores como Bachelard, Durand e Josso. Edla Eggert é professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos

(UNISINOS) e vem desenvolvendo estudos na linha Educação e Processos de Exclusão Social, direcionando-se a investigações que tratam dos temas educação de adultos, gênero e feminismos. Deonir Luis Kurek é docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), produzindo estudos sobre antropologia, imaginário numa perspectiva fenomenológica e hermenêutica, docência e formação de professores.

Com a tese de que o imaginário é o “[...] que permite que nos posicionemos frente às mais diversas situações, pois: um conjunto de imagens que nos autoriza a pensar aquilo que pensamos, assim como nos impulsiona, por meio da imaginação criadora, a novos vãos, a possibilidade de futuro” (p. 14), Adriano Moraes de Oliveira apresenta o capítulo *Teatralidade e imaginário: inter-relações de estruturas humanizantes e estruturantes na formação de professores de teatro*. A partir de uma pesquisa com três graduandos de Teatro busca contribuir para a ampliação e percepção de mundo na formação de um professor-artista e para uma reeducação do sensível.

O pesquisador teve como estímulo para a produção desta investigação a inter-relação entre teatrali-

dade e imaginário, considerando que o instrumento fundamental do teatro é o corpo. Para o autor, o professor-artista deve ser receptivo e sensível ao mundo que o cerca. No decurso destas experiências, busca a construção de um corpo extracotidiano, em que o “treinamento” auxilie na construção desse encontro consigo mesmo no tempo presente.

Alexandre Vergínio Assunção, em *Fotografia e memória: imaginário escolar presentificado na formação inicial de professores*, tem como objetivo maior da pesquisa “presentificar” o vivido através da fotografia como elemento propulsor da memória e da imaginação. Isso também no intuito de “revelar” sentidos da trajetória (auto)formativa dos sujeitos de pesquisa. Sua investigação teve dois momentos: o primeiro de coleta de material, no qual cada aluna registrou em fotos seus espaços escolares, e um segundo, em que foram apresentadas as imagens mais significativas e que serviram de “recordações-referências”. A imagem fotográfica se torna um símbolo que faz a ponte do hoje com o ontem, gerando sentimentos e devaneios sobre as experiências vivenciadas no passado. Nesse sentido, muito mais do que refletir sobre os espaços físicos e técnicos, o autor desejou problematizar os aspectos “imagísticos” e simbólicos do espaço escolar.

No terceiro capítulo, Deonir Luis Kurek, com *Essas coisas do imaginário*, sentiu-se provocado a escrever acerca dos sentidos deste complexo emaranhado que é o imaginário. Inicialmente, uma das questões levantadas por ele é o desrespeito, por certos profissionais, na utilização da expressão, como sendo algo que não possui relevância, ou desligado do real, ou ainda, que não podemos comprovar através da ciência. Para o autor, este termo é utilizado equivocadamente quando fazemos referência a uma série de elementos que estão fora das dimensões reais, aspectos inalcançáveis, o que alguns denominam “mundo da imaginação”. Conclui apontando o imaginário como algo mais complexo que simplesmente algo contrário ao real e tampouco, dispensável para a vida cotidiana.

Em *A pesquisa biográfica e a importância das narrativas nos estudos sobre o trabalho feminino*, Márcia Alves da Silva e Edla Eggert iniciam a escrita descrevendo uma pesquisa com mulheres artesãs a partir do uso das narrativas biográficas. Elas destacam a importância da valorização das trajetórias de vida, pois, através destas, as mulheres trabalhadoras podem refazer e ressignificar suas experiências de vida. Silva e Eggert fazem alguns apontamentos estatísticos sobre a inserção da mulher trabalhadora na sociedade e afirmam que “as diferenças constatadas entre as práticas dos homens e das mulheres são construções sociais e não provenientes de uma

causalidade biológica” (p. 49). No texto, confirmam que o duelo entre trabalho masculino e trabalho feminino é uma questão de cunho cultural e social. Assim, há uma busca pela aproximação com as trajetórias vividas pelas mulheres, numa tentativa de valorizar, através das narrativas, suas experiências no mundo do trabalho, na busca pela valorização do gênero.

No quinto capítulo, chamado *Os ruídos embaixo do tapete: narrativas de formação e prática pedagógica alfabetizadora em classes multisseriadas no contexto rural*, Elizeu Clementino de Souza e Lúcia Gracia Ferreira contextualizam o movimento da abordagem (auto)biográfica e a formação de professores, desde a Escola de Chicago até os dias atuais no Brasil. Na sequência, os autores aprofundam discussões acerca da alfabetização, multisseriação e formação de professores no meio rural de Itapetinga – BA. Entre algumas considerações, sugerem políticas específicas para essas questões e propõem que os textos trabalhados em aula precisam originar-se do contexto de vida do sujeito.

Em *Imaginários que se movem...: o “lugar” (auto)biográfico para pensar os “tempos” de ensinar e aprender*, Irapuã Pacheco Martins apresenta, por meio do trajeto de formação docente construído pelo próprio autor, os sentidos do tempo simbólico (*kairós*), que difere do tempo cronológico (*khronos*), na formação docente no ensino superior. O autor aprofunda então sua reflexão sobre o tempo subjetivo em Santo Agostinho, Hume, Kant, Bachelard e Durand, apontando possíveis convergências teóricas do tempo na docência.

Em *O imaginário como matéria sutil e fluida fermentadora do viver humano*, Lúcia Maria Vaz Peres inicia o capítulo apresentando seu trajeto como professora e centra-se no questionamento de uma razão determinista e determinada vigente no contexto contemporâneo. Assim, propõe a possibilidade da existência de outros modos de aprender e ensinar que não somente a partir de uma lógica binária para chegar a uma única verdade ou saber. A partir disso, defende a tese de que “o que pensamos que nos tornamos e o que pensamos saber sobre nós mesmos são perguntas que movimentam imaginários amorosos, sociais, culturais e políticos que habitam nossos trajetos” (p. 105). Para a autora, os fazeres humanos assentam-se em representações simbólicas.

Ainda para ela, a partir de Durand (2001), a ciência e a filosofia da imagem têm nos instigado a partir de binarismos do tipo “ou isto ou aquilo”, negando a possibilidade de um terceiro valor. Assim, a autora questiona as finitudes do ser e conclui seu texto com a tese de que, a partir das narrativas orais, escritas e

imagéticas necessitamos de uma nova construção, talvez a construção de um novo humano, o humano “caçadores de nós mesmos”, ou, nas palavras da autora “[...] a tomada de consciência das dimensões escondidas de si pode fomentar os projetos pessoais e profissionais do aqui e do agora com vistas a provocar o futuro” (p. 115).

Em *A imaginação e suas formas em ação nos relatos de vida e no trabalho autobiográfico: a perspectiva biográfica como suporte de conscientização das ficções verossímeis com valor heurístico que agem em nossas vidas*, Marie Christine Josso problematiza as dimensões do humano que denomina de dimensões do “nosso ser-no-mundo” e suas inter-relações com o ser de imaginação: ser de ação, de sensibilidades, de carne, de atenção consciente, de cognição, de emoções e de afetividade. Josso (2004) desenvolve suas ideias mostrando como o trabalho biográfico vem sendo empregado na metodologia de pesquisa-formação que vem desenvolvendo na atualidade.

Josso (2004, p. 141) pontua, nas reflexões, que seu desejo para a educação de base e a formação de profissionais da educação, a partir da reflexão biográfica, consiste em “relativizar nossos julgamentos sobre nós mesmos e sobre os outros [...]”. O grande desafio consiste na preocupação constante de não se fixar em idéias sobre si, sobre os outros e sobre o mundo”.

No nono capítulo, *Simbolizações do percurso de escrita da narrativa autobiográfica: da experiência sensível à experiência formadora*, Maria da Conceição Passeggi, inspirada em Josso (2004), traz que “a reflexão crítica sobre a experiência existencial possibilita a transformação do vivido em experiências formadoras. A autora demarca a utilização do memorial como instância que possibilita formação pessoal e profissional. Dessa forma, elabora um procedimento didático-metodológico – embora não o denomine desta maneira – que possibilita a evolução das simbolizações acerca do (auto)conhecimento, por meio de narrativas orais e escritas.

Na elaboração memorial, a autora desenvolve três momentos: no primeiro, que denomina “O ritual de iniciação”, os narradores/alunos/autores se apropriam da ideia do que é o memorial e como deve ser sua redação. No segundo, chamado “O ritual de filiação”, a autora percebe a possibilidade da transmutação das vivências em experiências formadoras. Ao fim, no terceiro momento, “O ritual de confirmação”, a escrita do memorial denota a “consciência de si” para construção identitária e (auto)formativa.

O texto constitui-se numa rica experiência de uma educadora que, através das narrativas, implementa

um distinto fazer educacional. Fazer esse organizado a partir da tomada de consciência de si, tendo como mote central as histórias de vida, por meio de memórias, de seus educandos. Isto, de fato, poderia ser definido verdadeiramente como aprendizagem significativa, “mas isso já é outra história!”.

No décimo capítulo, *Retalhos da vida: a dimensão da educação estética nessas coisas do imaginário*, Margaréte May Berkenbrock Rosito descreve e reflete primeiramente acerca do biográfico na sua história de vida. Após, explicita os passos que vem trilhando a construção do biográfico na formação de professores passando pelos seguintes momentos: narrativa escrita construída pela (auto)biografia e o quadro Linha da Vida, narrativa fílmica, narrativa imagético-pictórica tecida no retalho, narrativa oral, a articulação de narrativas, narrativa do silêncio e narrativa fotográfica. Ao final do texto, destaca ainda que a pesquisa (auto)biográfica implica uma formação voltada à autoria do sujeito e à educação estética, acionada a partir da metáfora, do mito e do simbólico.

No último capítulo, *Formação e grupo: indagações sobre questões sensíveis*, Valeska Fortes de Oliveira apresenta como os referenciais da pesquisa (auto)biográfica, do imaginário social e de grupos vão se interligar na constituição da história de formação de um grupo de pesquisa. A autora descreve resultados preliminares de uma pesquisa desenvolvida com o grupo de pesquisa que coordena, apresentando nesse espaço um lugar de formação de sujeitos éticos comprometidos não só com a produção científica. A autora ainda mostra de modo singular o movimento de ir e vir, como numa espiral, de construção do grupo constituído por pessoas das mais diversas formações profissionais. Para ela, o grupo funciona como um dispositivo compreendido como um movimento em que o sujeito está implicado consigo e com os outros.

A obra *Essas coisas do imaginário: diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras* constitui como um compêndio de textos no qual o referencial do imaginário é apresentado sob diferentes abordagens teórico-metodológicas, abrindo uma multiplicidade de olhares e possibilidades de pesquisas para a produção de conhecimentos. A obra, em sua essência, desliza pela multi e transdisciplinaridade, apontando convergências e singularidades das investigações contemporâneas, com grande amplitude de utilização.

Assim, com uma leitura e escrita muito prazerosas, trata-se de uma obra densa que vai focar a complexidade do homem, olhando para os mais variados ambientes

por ele frequentados. A mesma é indicada para todos aqueles que trabalham com questões educacionais, entre eles, acadêmicos de cursos de graduação de diversas áreas interessadas e/ou afins, profissionais e gestores em educação.

Referências

- DURAND, G. 2001. *A imaginação simbólica*. São Paulo, Cultrix.
- JOSSO, M.C. 2004. *Experiências de vida e formação*. São Paulo, Cortez, 285 p.

Maristel Kasper Grando
Centro Universitário Franciscano – UNIFRA
Rua dos Andradas, 1614, Centro
07010-032, Santa Maria, RS, Brasil

Camila Borges dos Santos
Universidade Federal de Santa Maria
Av. Roraima, S/N, Camobi
97105-900, Santa Maria, RS, Brasil

Vantoir Roberto Brancher
Universidade Federal de Santa Maria
Av. Roraima, S/N, Camobi
97105-900, Santa Maria, RS, Brasil